



## Madame COUDREAU – a francesa que desvendou o Curuá



Madame Coudreau (1870-1938).

Ainda está por ser feito um estudo acurado que resgate com precisão toda a riqueza da vida e da obra de Otille Coudreau, a *madame* francesa que desvendou todos os segredos do rio Curuá, no município de Alenquer, no início do século XX.

Tal estudo poderia começar pela decifração do enigma do seu primeiro nome, pois ela assinou todos os seus livros de viagem simplesmente como O. Coudreau.

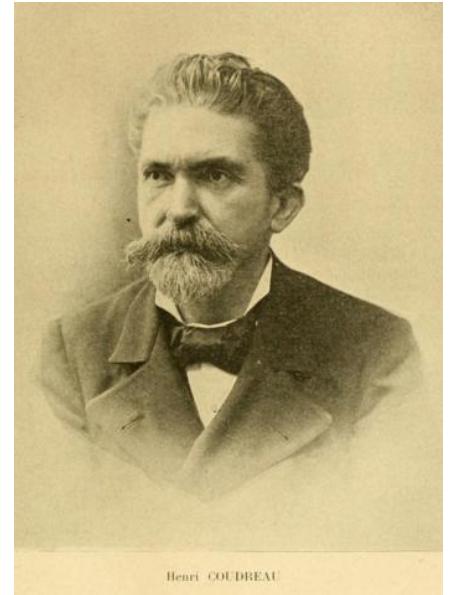
Para muitas fontes bastante sérias, esse “O” significaria Otille, e, para outras tantas e respeitáveis fontes, seria Octavie (ou, mais precisamente, Marie-Octavie) o primeiro nome da escritora. Qualquer que seja a opção, não é a princípio incorreta. Opta-se, nesta singela resenha, pelo nome de Otille, à exemplo do que faz o renomado pesquisador e professor paraense Vicente Salles. Mas é possível também optar por Octavie, como prefere o historiador Eurípedes Antônio Funes.

Otille Coudreau nasceu na França, em 1870. Ainda muito jovem, casou-se com seu compatriota Henri Anatole Coudreau, natural de Sonnac (departamento de Charente-Maritime), em 6 de maio de 1859.

De origem modesta, Henri Coudreau foi cartógrafo, ecólogo, etnógrafo, fotógrafo, geógrafo e topógrafo. Realizou estudos na Guiana Francesa sobre a chamada *França equinocial*, bem como sobre os índios da região. A partir de 1895, foi contratado pelo governo do Estado do Pará para *explorar* os afluentes do rio Amazonas, um trabalho que demandaria cerca de oito anos, nas gestões de Lauro Sodré, Paes de Carvalho e Augusto Montenegro.

Em 1897, Henri Coudreau publicou pela editora A. Lahure, de Paris, *Voyage au Tapajos* (1895); *Voyage au Xingu* (1896) e *Voyage au Tocantins-Araguaya* (1896); em 1898, foi a vez de *Voyage au Itaboca e au Itacayuna* (1897), e, em 1899, deu a lume o seu *Atlas das viagens aos rios paraenses*, pela mesma editora parisiense.

Otille, que igualmente era cartógrafa, desenhista, geógrafa e foi a primeira mulher a fotografar a Amazônia, acompanhou o marido em todas essas aventuras. Ambos iniciaram, em 7 de agosto de 1899, a viagem ao rio Trombetas, cujo final Henri jamais veria. No dia 10 de novembro desse ano, depois da expedição ter descido a cachoeira Porteira, Henri, que, aos 40 anos, devido à natureza de suas atividades, era um homem de aparência envelhecida, como bem mostra sua foto estampada em seu último livro, não resistiu ao ataque da malária e morreu nos braços da esposa, sendo sepultado numa colina à margem



Henri Coudreau (1859-1899).

do lago Tapagem, em caixão preparado com tábuas de canoas.

Com apenas 29 anos, Otille revelou, nessa hora, uma rara e exemplar coragem e grande força moral ao decidir dar continuidade ao livro *Voyage au Trombetas*, segundo as anotações de Henri, e a partir do capítulo VIII, que começa, precisamente, com a cruciente descrição da morte de seu marido.

Depois desse triste evento, para cumprir o projeto inicial do casal e o compromisso assumido com o governo do Estado do Pará, Otille Coudreau empreendeu, sozinha, a *Voyage ao Cumina* (de abril a setembro de 1900); a *Voyage ao rio Curuá* (de 20/11/1900 a 07/03/1901), e, finalmente, a *Voyage au Maycuru* (de junho de 1902 a janeiro de 1903), e todas essas explorações foram fielmente relatadas e publicadas em livro pela mesma editora parisiense A. Lahure (em 1901, o primeiro, e, em 1903, os dois últimos).

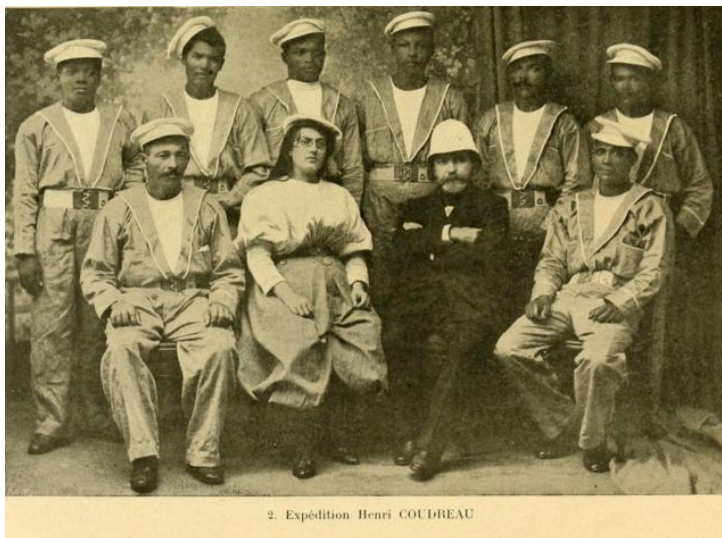
Em *Voyage au rio Curua*, a *madame* Coudreau demonstra atitudes e temperamentos deveras contraditórios.

É mal humorada e rancorosa quando ironiza a má acolhida que teve na casa de Maximiliano Senna, conhecido por Machico, na vila Curuá, sua parada inicial ao desembarcar do vapor *Prudente de Moraes*; ou quando tece preconceituosas considerações sobre os negros do Pacoval, especialmente ao referir-se a Alexandre, que ela chama, com ironia, de *governador* do mocambo e diz ser um sujeito “preguiçoso e bêbado” que vivia a incentivar os mocambeiros a se “revoltarem contra todo o mundo”.

Em contrapartida, Otille revela-se capaz de gestos extraordinários de solidariedade ao cuidar pessoalmente dos ferimentos e enfermidades dos seus *marujos*, como ela chamava os seus barqueiros, ou ao descrever, com uma prosa vigorosa e encantadoramente poética, as incomparáveis belezas e riquezas da região do rio Curuá.

Segundo suas próprias palavras, no meio da selva ela se sentia absolutamente “em casa”.

À parte os seus preconceitos, frutos, talvez, da deliberada intenção de demonstrar a “superioridade dos europeus” sobre “os povos da mata”, tão em voga entre os *naturalistas* da época, é totalmente impossível deixar de se solidarizar com a



*Madame Coudreau e seu marido Henri em pose com os seus “marujos” (Voyage au Trombetas, p. 7)*

sua dor quando evoca, com extrema sensibilidade, a morte do marido às margens do lago Tapagem no rio Trombetas:

“(…) Eu chamei um de meus homens para levantar e apoiar a sua cabeça no travesseiro. Ele tomou o braço do meu marido e ficou perplexo. Henri diz com voz trêmula: ‘É que eu já estou lá!’ Então eu vi que o sangue do seu pulso havia parado.

Henri leu o medo em meus olhos. Ele me chamou com uma voz comovente, uma voz onde havia algum arrependimento por não ter desfrutado bastante a vida. Eu li em seus olhos a lembrança da felicidade passada (...)

Isso era a malária cerebral fulminante em todo o seu horror.

Eram duas e meia! A confusão foi completa. Tentei reanimá-lo, mas nada: nem respiração, nem movi-

mento responderam aos meus cuidados. Não consegui manter a esperança. Olhei para o céu, sondei o infinito, mas não podia ouvir a minha alma, ou uma voz misteriosa que me falasse em particular. Nada! Meus olhos pesados olharam o meu amado morto (...)

Como Jesus, transfigurei a minha provação. Mas teria sido menos doloroso se pudesse andar com ele para a força que

leva ao descanso final o companheiro da minha juventude, que tinha sido meu amigo, um pai, um irmão, um marido.

Concluído o sepultamento, eu coloquei a minha rede ao lado do seu túmulo, e disse: ‘Agora vou ficar aqui, não me separarei do seu corpo, mesmo na morte.’ (...)

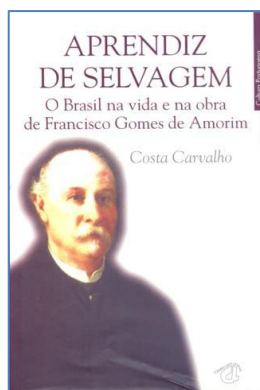
Na volta a Oriximiná, era muito triste ver os lugares que havíamos explorado juntos. As canoas, cada uma com a luz baixa à frente, andaram sobre as águas escuras sob a escuridão da noite.”

Em 1904, Otille Coudreau voltou ao Trombetas para repatriar os restos mortais do marido. Na primavera de 1906, foi ela quem voltou definitivamente para sua casa em Sonnac (Charente-Maritime), onde faleceu em 1938.

Alenquer ficou devendo à *madame* Coudreau (ou *madame Edecondor*, como ainda é lembrada no Pacoval), a melhor e mais completa revelação dos segredos do rio Curuá.

**EXPLORADOR OU EXPLORADORA?** – “Se eu sou *explorador* – esta palavra não pode ser *feminizada* – não é por causa da Glória, que é uma deusa muito volúvel e ainda mais cega do que a Fortuna; não é pelo amor à Geografia, embora eu adore a Geografia. Se eu faço *exploração*, é para me permitir devolver os restos mortais do meu marido aos seus pais idosos; é para Henri Coudreau não permanecer para sempre em um país estrangeiro; é para completar o trabalho iniciado nos últimos cinco anos; é por causa de todo esse trabalho útil e essencial para aumentar a conscientização dos países, ainda ignorado pelas massas.”

**O. COUDREAU** (*Voyage au Cumina*, 1900).

**(Re)descobrimo F. Gomes de Amorim (XI): o Monte Sinai do escritor**

É do escritor Costa Carvalho a melhor, mais completa e talvez definitiva biografia de Francisco Gomes de Amorim (1827-1891). José Rodrigo Carneiro da Costa Carvalho nasceu na freguesia de São Gonçalo, em Amarante, Portugal, em 6 de setembro de 1934. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas pela faculdade de Letras da Universidade do Porto. Possui o título de mestre em Estudos Portugueses e Brasileiros pela mesma faculdade. Exerceu a docência secundária e superior. Jornalista por quase quarenta anos, foi chefe de redação e diretor de diversos jornais em Portugal e foi também um dos fundadores da Escola Superior de Jornalismo, no Porto. Recebeu o prêmio literário *Oiro do Dia*, pela obra *O Pintor da Cidade – António Cruz*. Além de outras obras, escreveu *Aprendiz de Selvagem – O Brasil na vida e na obra de Francisco Gomes de Amorim*, publicada pela editora Campo de Letras, da cidade do Porto, em 2000, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Póvoa de Varzim. A pedido do próprio Costa Carvalho, o diretor da Biblioteca Municipal “Rocha

Peixoto”, de Póvoa de Varzim, senhor Manuel Costa, teve a gentileza de enviar ao editor deste boletim um exemplar dessa grandiosa obra com 750 páginas de ricas informações sobre o poeta nascido em Aver-O-Mar. É dela que se extraí o texto abaixo, de grande significação para os alenquerenses do Pará e para todos os fãs e admiradores de Gomes de Amorim:

“O **Monte Sinai** do escritor foi **Alenquer**; a sarça ardente da revelação poética o [poema] *Camões*, de Garrett, encontrado, com mais outros livros velhos, dentro de um cesto forrado com folhas de bananeira brava, em casa de uma família indígena. Não há fantasia na confiança do autor. O que poderia surpreender, no Amazonas da meia metade do século XIX, era não haver surpresas (...)

**Alenquer**, terra de feitiços e de feiticeiras, **é um marco na vida e na obra** de Francisco Gomes de Amorim, que da localidade conservou gratas, mas também acerbas, recordações. Ali viveu dois anos e foi lá que passou muitas das melhores e das mais amargas horas da sua atribulada existência de criança. As suas, vieram-lhe de brasileiros, como o coronel Duarte, que figura em *O Cedro Vermelho*, excelente pessoa que no seu vezo de casamenteiro meteu à cara do imberbe Francisco a filha de Antônio Ferrugem, um português feito tapuio (...) As outras recordações, as acerbas, vinham-lhe dos patrões, Carmelo e Barros, que o escravizaram, fazendo do juvenil caixeiro remador, lenhador, carpinteiro. E também carcereiro, numa ocasião em que todos os índios empregados na casa Carmelo & Barros iam fugir, tendo roubado tudo quanto puderam. Metidos na cadeia, só havia um soldado para os guardar, *‘e eu tive que fazer por vezes de sentinela enquanto ele dormia, e de levar de comer aos presos, para que não sofressem fome! Por fim, soltei-os para me livrar de trabalhos.’*

A leitura de *Camões* opera no rapaz Chico a grande transformação. O aprendiz de selvagem principia a ver com os olhos da alma os rios, os lagos, as montanhas, as gentes, a flora, a fauna. Adquire o ouvido do goabará, a vista do acauan, a prudência do jaboti, a ligeireza

do veado e a sabedoria da abelha e da formiga. Sabe como é que se vive e morre nas profundas e inóspitas florestas; deslumbra-se com o fantástico terrificante da pororoca; a cavalo atravessa o fogo das queimadas, nas campinas; naufraga vezes sem conta nas cachoeiras do Xingu e no mar do Pará; luta com jacarés, imita-lhes a voz, arranca-lhes gritos tenebrosos; encosta o ouvido ao chão para sorver o rumorejar da selva; serve-se das sapopemas para comunicar com os tapuios; golpeia seringueiras e larga a pele como os lagartos; ri, perdidamente, na tristeza, com os bugios; enamora-se das tapuias; penetra nos templos dos pajés; é transviado pela Curupira, fala com Oiára; prega a tapuios um sermão a Santo Antônio; deita discurso a jurunas que o aplaudem a murro e à bofetada; faz poesia a um cão; é remador de ubás, caçador, explorador, carregador, carpinteiro e carcereiro; come tacacá, guabira, caxiri, rabo de lagarto, costela de jacaré, rato assado no espeto, cobra moqueada, coxa e caldo de macaco; anda nu, rasga o corpo, besunta-se como os selvagens para escapar às ferroadas de mil insetos; salva-se de ser assassinado ao, providencialmente, dilacerar um pé com o gume dum machado; lida com gente de todas as cores e gostos (*‘Que faria se provasse sopa de gente!’*); repele ataques de cabanos; fita a morte nos olhos duma onça. (...)

Nos momentos de repouso, à noite, quando os grandes rios e as próprias solidões preguiçavam de cansados, o *çauçúpára carayba goataçara cuapará* (querido branco português caminhante sabedor), como lhe chamavam as tapuias, olhava para a sua situação e lastimava-se *‘a haver criado voluntariamente.’* E lembrava-se do irmão, da mãe, da pátria. Eram os momentos de maré alta no seu agitado mar de saudades.”

(in *Aprendiz de Selvagem*, p. 130-133; o grifo em negrito é do editor do boletim).

## “A pé com a Liberdade” – lado a lado com Cléo Bernardo



Cléo Bernardo de Macambira Braga nasceu em Santarém, em 11 de fevereiro de 1918, e faleceu em Belém em 7 de setembro de 1984. Advogado, jornalista, poeta e cronista. Fundador do Partido Socialista no Pará, elegeu-se deputado estadual em diversas legislaturas. Voluntário da Força Expedicionária Brasileira nos campos da Itália na II Guerra Mundial, fundou a Associação dos Ex-Combatentes em Belém. Lecionou Direito Administrativo na Universidade Federal do Pará e, no Colégio Moderno, História e Economia. Teve seu mandato de deputado cassado pelo regime militar instalado no País em 1964, que lhe suspendeu também os direitos políticos. Cléo Bernardo morreu sem ver o Brasil retornar à normalidade democrática. Suas crônicas, que abarrotam os jornais de Belém, principalmente *O Liberal*, são expressão de um caráter sincero, honesto e verdadeiro, que mantém uma atualidade impressionante. São como pérolas fulgurantes, que devem ser (re)lidos com a mesma devoção com que se (re)lê um salmo da Bíblia. Qualquer semelhança com a realidade de hoje não é mera coincidência:

“Se pudesse ser ouvido, apelaria para todos quantos possuem responsabilidade de governo, de liderança e de influência neste País: examinem com objetividade e paciência o que se passa, não na cena preparada das manifestações partidária, mas lá no fundo legítimo dos meios sociais, porque o medo de se mostrar autêntico e de poder fazer sinceramente está gerando um ódio surdo e generalizado, que paralisa e degenera o gênio popular e cívico, possibilitando condições de desfibramento e em consequência alienações coletivas.” (*O Brasil, Sim, o Brasil*, 21/06/1976).

“Difícilimo o caminho da verdade. Humildemente procurá-la dentro e fora de nós é que nos faz criaturas da Vida. Viver sem um sentido de verdade e de beleza não é viver. É alugar-se ao tempo, assim como o pau e a pedra que existem por aí. Viver é responsabilidade consigo mesmo e os outros, agora e no futuro. Quem mente a si próprio ou vai se traindo à medida que triunfa, quando a Morte aportar afinal já não tem mais coisa alguma para enterrar, porque se enterrou existindo, de concessão em concessão.” (*Viver*, 13/02/1977).

“Essa corrupção, que envergonha e afronta a Nação, porque de governistas e de oposicionistas, à semelhança de outrora, não é somente em matéria de dinheiro ou de exploração do trabalho. Existem em penca os corruptos das idéias falsas. Existem sobrando os contrabandistas dos juramentos, conforme o poder mais alevantado que se erga. Hoje a palavra solenemente empenhada virou vaso noturno. É a subversão dos princípios, dos valores, dos encargos, trocando máscaras e substituindo mascarados. As tais razões de Estado se confundem com os morcegos: nem pássaros nem ratos são.” (*Uma Bandeira Branca*, 22/05/1977).

“Advogado ou professor, jurista ou juiz ou promotor, onde quer que tenha atuação, aquele que justifica o autoritarismo ou o totalitarismo, um raiz do outro e ambos atraso político, é indigno do juramento e do compromisso do Bacharel em Leis. A lei para representar a Lei precisa de duas condições básicas: ser legítima e ser justa, sem o que não expressa as necessidades coletivas e as vontades populares, não merecendo portanto acatamento ou sequer duração.” (*Vejam*, 02/07/1978).

“Toda obra de criação é passado, presente e futuro. O passado como herança e experiência. O presente como lucidez e marca. O futuro como prolongamento e premonição. A vida e o ideal se expressando em comum: raiz, chão e estrela, isto é, a profundidade do ser, a base definindo ação e a altura como responsabilidade de esperança. Por isso não sou apenas quem escrevendo aos domingos: o jornalista pela atualidade, o escritor pela clareza do estilo e o poeta pela sensibilidade do texto, mas sobretudo um homem que pensa e como pensador e combatente se transmite na missão das palavras e dos gestos que se completam, numa comunicação que é diálogo e posição em face dos tempos.” (*A Serviço da Liberdade*, 04/01/1981).

**“Levantem as mãos, / bandidos não assumidos, / e não toquem no dinheiro público. / Pode não ser hoje / porém amanhã hão de pagar, / com lágrimas de sangue, / o que da Nação criminosamente levaram, / gastando mais do que deviam / ou gastando o que gastar nem podiam.”** (*A Verdade é Tristeza e não Alegria*, 11/03/1984).